

Experimentação simulada da utopia por meio do corpo em imagem¹

Eliane Delamar ROQUE ²

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia
Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia, Salvador, Bahia

Resumo

O Presente artigo se refere a um estudo de base empírica, sobre a experimentação simulada da utopia, por meio da arte, que promove a presença de corpos estigmatizados, performando em lugares interditos socialmente ou comumente improváveis. Isto, como forma de impulsionar um modelo ideal de sociedade, ao viabilizar uma experiência sensível capaz de descontinuar o real que segrega e exclui, produzindo, assim, um novo imaginário, que se espera, possa produzir um novo real. Como elemento articulador desta análise, utilizamos a polêmica envolvendo a atriz Adele James no papel de Cleópatra, série documental da plataforma Netflix. Como metodologia, estabelecemos a análise das imagens das atrizes que interpretaram Cleópatra no cinema nos últimos anos e dos argumentos utilizados por historiadores em sites especializados, na época da estreia.

Palavras-Chave: estética; políticas do corpo; imagem; comunicação.

1. Introdução

Este artigo se refere a um estudo de base empírica sobre a utilização da imagem como um instrumento de propulsão de um ideal de sociedade ao viabilizar a presença de corpos estigmatizados em cenários, comumente, improváveis. O argumento defende a importância do rompimento com a reprodução do real por meio de uma experimentação simulada da utopia, quando este real ainda se estabelece como um lugar de segregação e desigualdade social. Esta seria uma estratégia para pactuar com um modelo ideal de sociedade arquitetado por leis e normas sociais estabelecidas. Ou seja, privilegiando a presença de corpos estigmatizados em práticas de comunicação visual para que a sociedade possa experienciar, na forma de um sonho plausível, como seria o mundo imagético que nos comunica se não houvesse o racismo e o machismo estrutural; a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023

² Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia-Poscom/ UFBA – Aluna Pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – Fapesb.
E-mail: elianeroque@ufba.br

homofobia; a transfobia; o capacitismo e tantos outros preconceitos que têm o corpo como alvo primeiro de ataque e repulsão.

2. O corpo em imagem como instrumento de narrativa

Esta reflexão toma como ponto de partida uma das vezes em que a ausência de um desses corpos foi sentida pela pesquisadora, quando (2015) ao produzir um material didático surgiu a dificuldade em encontrar, no banco de imagens disponibilizado pela faculdade para professores-autores, pessoas de pele preta e parda em performance capaz de ilustrar uma ‘Família Feliz’. Todas as palavras-chave: família feliz, pessoas felizes, pessoas alegres, retornavam como resultado de busca apenas imagens de corpos brancos. Na oportunidade, dois bancos de imagens, do tipo pago, foram utilizados e, apesar das buscas, as pessoas negras não eram associadas às palavras-chave referidas. Uma nova busca, dessa vez pelas características corporais, foi estabelecida a partir das palavras-chave: pessoas negras, família negra, e o resultado retornou pessoas de pele preta e parda em situação de mendicância, pobreza ou sofrimento. Ou seja, nada que pudesse representar uma ‘Família Feliz’. Ao final, a fotografia pretendida foi conseguida a partir de uma palavra-chave completamente aleatória: plano de saúde.

Esta experiência vivida no contexto de uma faculdade privada no estado de Santa Catarina, acionou um alerta sobre como a segregação de certos corpos pode ser reforçada, por meio de suas ausências, em lugares, nos quais, suas presenças poderiam legitimar discursos sociais promotores da igualdade impulsionando um novo imaginário. Essa memória foi revisitada no contato com o texto de Rancière (2019:21), mais especificamente, quando o autor trata de uma performance artística apresentada em 2011, na Bienal de Veneza. A obra de Yaël Bartana (artista israelense) intitulada *And Europe Will Be Stunned* [E a Europa Será Surpreendida], é uma instalação com três filmes projetados simultaneamente em três ecrãs, que mostram “três episódios de uma mesma narrativa ficcional: o regresso dos judeus à Polônia.”

Yaël Bartana, afirmou em entrevista no *Louisiana Museum of Modern Art* em 2011³, que queria imaginar o renascimento Judeu na Polônia como uma forma de pensar o futuro, mas também de acordar os fantasmas da história provocando um novo discurso. Também era uma reflexão sobre as possibilidades e impossibilidades de viverem todos

³ Copyright: Louisiana Channel, Louisiana Museum of Modern Art, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bO9IHA7K4IU>

juntos. Uma provocação de emoções pessoais diante de uma utopia e, ao mesmo tempo, de um grande espelho que reflete duas realidades europeias: a xenofobia e o conflito político com o Oriente Médio.

O caráter político da instalação foi reconhecido por Rancière (2019), exatamente, quando esta faz uma interferência na referência que separa realidade e ficção, ao contar uma história inverossímil, ao mesmo tempo, composta por elementos do real. Interessou-nos, portanto, essa possibilidade de criar, “a partir de elementos materiais e simbólicos variados” uma forma de “experiência sensível partilhada” que constrói uma estética política capaz de romper, de forma ‘explosiva’, com modelos imagéticos estabelecidos, por oferecer como suporte da narrativa uma imagem não imaginada. No caso deste artigo, ligada ao corpo e sua presença em espaços de tensão com o real.

3. A dialética inquieta em busca de um novo imaginário

Para a reflexão neste artigo, estabelecemos a articulação de dois elementos importantes: política e estética que se integram para estabelecer um debate que busca liberar, por meio da tensão entre ficção e realidade, questões reprimidas no imaginário porque estão ligadas as coisas naturalizadas (romantizadas), tais como, corpos negros em performance de subserviência e/ou sujeição; ou não autorizadas, tais como, corpos negros em performance de poder protagonizando e narrando a história do mundo. Isto considerando, é claro, que o corpo negro foi estigmatizado pelas “teorias raciais” que se constituem como “produções do Ocidente e que justificaram o imperialismo e o colonialismo.” Servindo, posteriormente, “a outros fins como o holocausto judeu na Alemanha nazista, a segregação racial nos EUA e o Apartheid na África do Sul” (Sagredo, 2017:28).

Portanto, estamos tratando de um corpo sobre o qual foi projetado um conhecimento que inventou não só Oriente e os orientais, como também, estabeleceu assimetrias que determinaram lugares para ele. Isto se refletiu na assimilação de valores culturais, nos moldes descritos por Fanon⁴ (2008), mas também em ausências

⁴ Frantz Fanon em “Pele Negra, Máscaras Brancas”. No livro Fanon faz uma crítica a negação do racismo na França e em grande parte do mundo moderno. Ressalta “que racismo e colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele”; e que “colonização requer mais do que a subordinação material de um povo. Ela também fornece os meios pelos quais as pessoas são capazes de se expressarem e se entenderem.” (Prefácio de Lewis R. Gordon, p-14 e 15).

inquestionadas, como aquelas percebidas nas narrativas históricas estabelecidas a partir de imagens. Se considerarmos que:

toda narrativa histórica é uma aproximação hipotética de acontecimentos que o autor não viveu – o papel escrito, embora pareça neutro, é quase sempre parcial e, como as tradições que a memória coletiva guarda e adultera, também mente, dissimula, cala e ilude, além de ser lido de modo distinto de geração em geração – , esse relativismo se acrescenta, ao tratar-se da África, pois os menos obscuros dos testemunhos de sua antiguidade são os objetos e as imagens de cerâmica, bronze, latão, madeira ou pedra, a indicarem o alto nível de mestria técnica e a agudeza de sensibilidade e inteligência que lhes deu origem (Silva *apud* Sagredo. 2017: 34 e 35)

Didi-Huberman (2019:4 - 7) afirma que: “A separação acadêmica entre as «artes do tempo» e as «artes do espaço» (das quais procederiam as imagens pictóricas, esculturais ou fotográficas) é uma simplificação ingênua, perigosa até.” Para ele, “ver muda perpetuamente a natureza do que é visto como a constituição daquele vê.” Neste sentido, a legitimidade de uma narrativa histórica pode ser sustentada pelas imagens que são, reiteradamente, apresentadas como apêndices iconográficos de um texto e monumentos imóveis, passíveis de interpretação e controle. Não significa, porém, que a narrativa esteja acabada, considerando, que as imagens estão em movimento orquestrado pelo espaço e o tempo, e por novas descobertas e imprevisibilidades.

E é, na tentativa de observar as imagens sem comprometer sua liberdade de movimento, por via daquilo que Didi-Huberman (2019:8 e 10) chamou de “uma dialética inquieta, infinita, inacabada, irreconciliada”, que defendemos que a arte pode promover, por meio da presença de outros corpos na cena, um “confronto insurreccional” resultado da tensão criada entre o corpo imaginado (que se espera) e o corpo visível (que aparece). Os novos protagonistas que insurgem deste confronto fazem a mesma coisa, contam a mesma história, que não é mais a mesma porque manifesta visualmente o dissenso, realiza o contraditório; transgride limites; retira corpos dos lugares nos quais estavam confinados; possibilita um novo olhar testemunhal. Neste contexto, o corpo é o terreno político que se integra com a arte para fabricar o mesmo mundo, só que próprio.

4. O elemento articulador: Cleópatra

Como objeto para composição da análise foi estabelecida a polêmica envolvendo a personagem histórica Cleópatra, que durante muitas décadas foi representada por atrizes brancas - sendo Elizabeth Taylor uma das mais icônicas - e, recentemente (maio de 2023),

na série documental da Netflix, foi representada por Adele James, uma atriz negra. A série causou protestos no Egito, sendo que, um advogado entrou com uma ação contra plataforma Netflix acusando-a de tentar “apagar a identidade egípcia” por meio da violação das leis de mídia. A série também foi motivo de embate entre historiadores de várias partes do mundo, que parecem não ser unânimes em afirmar sobre a possibilidade ou não de Cleópatra ter sido uma pessoa de pele negra. E pareceu importante, para muitas destas pessoas, que ela fosse representada com uma pessoa branca.

4.1. Metodologia

4.1.1. Coleta de dados

Como método de coleta estabelecemos dois momentos: um com pranchas de imagens das ‘Cleópatras’ que nos foram apresentadas na história do cinema nos últimos anos; e outro com os principais argumentos que os historiadores usaram em sites especializados, para concordar ou discordar da possibilidade ou não de uma Cleópatra de pele negra. Foram reunidas 21 imagens de Cleópatra no cinema de 1899 a 2023. A amostra (ver figuras⁵ 1, 2 e 3) foi estabelecida a partir de busca por imagens com as palavras-chave: ‘Cleópatra no cinema’, nos buscadores da Google e da Microsoft. Não foram consideradas na amostra as atrizes que interpretaram Cleópatra no teatro.



Figura 1- Composição nossa: Jeanne d’Alcy como Cleópatra, em “A Tumba de Cleópatra” (1899); 2 - Florence Lawrence em “Antony and Cleópatra” (1908); 3 - Helen Gardner em “Cleópatra” (1912); 4 - Lyda Borelli em “Cleópatra” (1916); 5 - Madeline Roch em “Cléopâtre” (1910); 6 - Theda Bara como “Cleópatra” (1917); 7 - Ethel Teare em “Anthony and Cleópatra” (1924).

⁵ Fonte das Imagens: <https://ensinarhistoria.com.br/cleopatra-e-pop-as-muitas-cleopatras-do-cinema/> ; <https://cinemaclassico.com/listas/atrizes-que-interpretaram-cleopatra-no-cinema/> ; <https://elcinema.com/en/work/1001332/gallery/124524943> ;



Figura 2 – Composição nossa - 8 - Sophia Loren em “Duas Noites com Cleópatra” (1954); 9 - Samira Kamal Hassan em “Cleópatra” (1943); 10 - Vivien Leigh em “César e Cleópatra” (1945); 11 - Claudette Colbert em “Cleópatra” (1934); 12 - Linda Cristal em “Legiões do Nilo” (1959); 13 - Claudette Colbert em “Cleópatra” (1953); 14 - Elizabeth Taylor em “Cleópatra” (1963).



Figura 3 – Composição nossa - 15 - “Cleópatra”, animação japonesa (1970); 16 - “Asterix e Cleópatra”, animação belga-francesa (1968); 17 - Monica Bellucci em “Asterix e Obelix” (2002); 18 - Alessandra Negrini em “Cleópatra” (2007); 19 - Adele James em “Queen Cleópatra” (2023); 20 - Hildegard Neil “À sombra das Pirâmides” (1972); 21 - Leonor Varella em “Cleópatra” (1999).

Foram pesquisados em sites especializados em Egiptologia e História argumentos que defendiam uma Cleópatra de pele: branca; negra; talvez branca, talvez negra. Os textos foram lidos e compilados resultando em uma tabela (figura 4) com os argumentos mais utilizados. Como havia uma diversidade muito grande de argumentos, optamos por priorizar aqueles oriundos de historiadores - egiptólogos ou não - e veiculados em meses próximos a estreia do documentário da Netflix, em 10 de maio de 2023. As opiniões de pessoas leigas, interessadas no assunto, não foram consideradas nesta amostra, apesar de termos tido ciência delas.

ARGUMENTOS ENCONTRADOS NA DEFESA DE UMA CLEOPATRA DE PELE:

BRANCA	TALVEZ BRANCA, TALVEZ NEGRA	NEGRA
<ol style="list-style-type: none"> 1. Teorias raciais do século XIX (Perspectiva monocromática), que fundiram Biologia (craniometria) e História e afirmam que o nordeste africano foi povoado em sua pré-história por grupos caucasianos; 2. Teoria de que os negros, apesar de existirem em grande número no Egito, tinham posição social inferior e, portanto, não poderiam ser reis e rainhas; 3. A inexistência de traços negroides nas esculturas e moedas que tem o rosto de Cleópatra; 4. Prática de "blackwashing" uma "whitewashing" invertida; 5. As origens macedônia e grega de Cleópatra, portanto, branca; 6. O fato de que os faraós negros do império foram representados com a pele negra, cabelo crespo e lábios grossos e eram originários do sul do Egito e norte do Sudão; 7. Teoria de que os habitantes da África pertencem a três raças, uma delas seria a antiga população do Egito: os "brancos de pele escura." 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O fato de que as categorias raciais: branco e negro não eram operadas pelos egípcios na Antiguidade; 2. Um grupo étnico não é um dado biológico. A condição ontológica de um grupo étnico depende das relações étnicas. Havia gente negra que nasceu na Grécia e na Itália; 3. Os contatos com grupos do Mediterrâneo e da Mesopotâmia foram decisivos para as fronteiras étnicas no Egito Antigo possibilitando miscigenações. A família de Cleópatra já estava no Egito havia mais de dois séculos quando ela nasceu. Era tempo suficiente para que alguma miscigenação tivesse ocorrido; 4. Lacunas históricas que impedem que saibamos como muitos Egípcios se viam e/ou como viam os grupos subalternos e/ou dominantes, vizinhos ou estrangeiros; 5. Não há dado biológico que seja suficiente para validar uma raça essencialmente pura e/ou proveniente de etnicidade imutável. 6. As identidades da mãe e da avó da rainha, não estão bem estabelecidas historicamente e, portanto, elas podem ter sido mulheres egípcias ou mesmo de outras partes da África; 7. O padrão artísticos das representações ptolomaicas de faraós e rainhas impedem que se tenha aspectos fisionômicos precisos na maioria das obras de arte. Diante disto, bustos creditados a Cleópatra podem não ser a representação dela de fato. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desafrikanização do Egito, também por meio das teorias raciais produzidas pelo Ocidente e que justificaram o imperialismo e o colonialismo; 2. Com base na paleoantropologia e na tese das migrações dos primeiros grupos humanos para fora da África, pode-se dizer que os antigos egípcios tinham origens africanas; 3. A retirada do Egito Antigo, de seu contexto africano geograficamente e antropologicamente. A africanização do Egito Antigo teve os seus arautos no final do século XIX; 4. O conhecimento histórico-político sobre o Egito, foi objeto passível de análise feita e pensada a partir do mundo ocidental. 5. A frase de Heródoto em seu livro: História, quando trata do rio Nilo e suas grandes enchentes: (...) A terceira provém do fato de ser o calor ali tão intenso que torna os homens negros; 6. Os traços da Esfinge de Gizé do tipo africano ou negro, com narinas expandidas; 7. Modo de classificação criado com base em pesquisas antropológicas que apresentam dados divergentes com relação a medidas osteológicas e nasais, o que produz uma natureza arbitrária dos critérios utilizados para definir as raças egípcia.

Figura 4 - tabela nossa

4.1.2. Análise dos dados

Como método de análise estabelecemos, entre as imagens, os padrões estéticos comuns utilizados para composição da personagem, tais como: maquiagem, performance e indumentária. Uma vez elencados estes padrões, buscamos identificá-los nos discursos dos teóricos que opinaram sobre a produção da Netflix para entender se houve, na composição de Adele James algo, além da cor de sua pele, que justifique a acusação de manipulação histórica por parte da criadora Jada Smith. E para verificar a validade de nossa hipótese, a de que o corpo de Adele James foi dotado de potência política por ser um corpo negro protagonizando a narrativa de um corpo (supostamente) branco e, sendo por isso, capaz de romper padrões estéticos de um imaginário global. O que convida os espectadores a um novo olhar sobre a História do Mundo.

5. Os atributos de Cleópatra

Cleópatra é uma personagem histórica reiteradas vezes representada como uma mulher com atributos físicos capazes de atrair a atenção dos homens, provavelmente, isto decorre do fato de ela ter conseguido envolver, afetivamente, dois grandes líderes do Egito Antigo: Júlio César e Marco Antônio. A erotização de Cleópatra parece ser uma faceta bastante explorada nos filmes a respeito dela e se reflete nas imagens de nossa amostra, onde as atrizes posam para a câmera com sensualidade e munidas de uma indumentária que favorece esta performance. Até os desenhos que aparecem na amostra apresentam o corpo da personagem super erotizado. Sabe-se que a Rainha também era uma intelectual, estrategista que por duas décadas lutou para manter a independência do Egito e que, segundo o historiador Stanley Burstein (2004:63), até recentemente, no entanto, raramente era tratada pelos historiadores como uma personagem histórica com políticas e objetivos coerentes e potencialmente alcançáveis.

Observa-se que o figurino está adaptado à época da narrativa, mas também reflete a época em que foram filmadas as cenas, sendo que, parecem trazer elementos da cultura onde o filme foi produzido. O que queremos dizer é que, de alguma forma, é possível, por exemplo, ver a França na imagem de Jeanne d'Alcy (figura 1-1), a *Belle Époque*⁶ do luxo com tecidos leves e rendas a vestir Cleópatra; um pouco da Itália no adorno de cabeça de Lyda Borelli (figura 1- 4); e mesmo atriz egípcia Samira Kamal (figura 2-9) traz em seu figurino traços da cultura árabe que só chegou ao Egito no século 7. A atriz Elizabeth Taylor (figura 2 – 14) aparece, no contexto desta pesquisa, como a imagem mais icônica de Cleópatra, sendo sua representação legitimada até pelo egiptólogo Zahi Hawass que foi secretário-geral do Conselho Supremo de Antiguidades do Egito e alegou que via, nos olhos de Liz Taylor, o charme da ‘carismática Rainha’⁷. Porém, mesmo a Cleópatra de Elizabeth estava envolta em um luxo hollywoodiano que, segundo contam, quase faliu a *20th Century Fox*⁸.

Dito isto, percebe-se que mesmo uma produção cinematográfica que toma como base uma narrativa histórica, tem elementos culturais contemporâneos que se espraiam a

⁶ Do Francês: Bela Época. Período histórico em que França e Alemanha assinam o Tratado de Frankfurt que resulta em um período de paz e desenvolvimento das duas potências e que culminou na modernização de Paris por meio de avanços científicos e tecnológicos. A França se tornou uma potência global de influência nas culturas, nas ciências e nas artes.

⁷ Balthazar, Gregory da Silva. **Plutarco e a Ocidentalização de Cleópatra** v. 3, n. 2 (2010): NEARCO 2010-2. P. 05

⁸ Estúdio de cinema americano.

partir da técnica. É desta forma que o cinema conta histórias do mundo, ao mesmo tempo em que, determina a percepção sobre elas. Se considerarmos Benjamin (2015:43 e 44) quando diz que “a reprodução técnica mostra-se mais autônoma em relação ao original do que a manual.” Porque pode revelar aspectos do original que só serão visíveis por meio de recursos mais precisos que o olho humano, como a lente da câmera, por exemplo. Da mesma forma, uma produção cinematográfica pode ser mais precisa na hora de reproduzir um fato histórico porque agrega em torno do seu argumento toda as informações que escapam a narrativa convencional e que foi sacramentada como verdade, protegida com uma espécie de “aura”, porque se refere aquilo que atrofia na memória coletiva ainda que a Arqueologia, a Antropologia e a própria História apareçam com novos indícios.

Nota-se que mesmo os atributos de Cleópatra mudaram ao longo do tempo. A Rainha, hoje reconhecida como uma figura nacional do Egito moderno, símbolo de beleza e inteligência. No Antigo Egito, foi tornada famosa por meio de seus inimigos. “A imagem romana de Cleópatra originou-se na virulenta campanha de propaganda que Otaviano montou contra ela como parte de sua preparação para a guerra contra Antônio⁹” (Burstein, 2004:65). A percepção sobre a Rainha também foi afetada por outras questões mais contemporâneas, como a emancipação feminina, que possibilita ler heroínas da história sem a lente distorcida do machismo estrutural, a que estavam severamente submetidas. E isto nos remete novamente a Benjamin (2015:46), quando afirma que “Ao longo de grandes períodos históricos modifica-se, com a totalidade do modo de existir da coletividade humana, também o modo de sua percepção”. Sendo esta percepção também historicamente determinada.

6. Os Olhos da História veriam uma Cleópatra Negra?

Dr. Mustafa Waziri, secretário-geral do Conselho Supremo de Antiguidades do Egito é mencionado, em 27 de abril, em postagem publicada na página do Facebook do Ministério do Turismo e Antiguidades, referindo-se a atriz Adele James:

A propósito da série de documentários que a plataforma “Netflix” anunciou para o próximo período, destacando-se a exibição do filme “Rainha Cleópatra” no próximo dia 10 de Maio, em que a sua heroína, que interpreta o papel da Rainha “Cleópatra VII”, aparece com traços africanos e pele escura, confirmou o Dr. Mostafa Waziri, secretário-geral do Conselho Supremo de Antiguidades, que o aparecimento da heroína neste corpo é uma falsificação da história egípcia e uma falácia histórica flagrante, especialmente porque o filme é classificado como

⁹ Tradução nossa para: “*The Roman image of Cleópatra originated in the virulent propaganda campaign Octavian mounted against her as part of his preparation for his war against Antony.*”

documentário e não uma obra dramática; que exige que os responsáveis por sua produção investiguem a precisão e se baseiem em fatos históricos e científicos para garantir que a história e as civilizações não sejam falsificadas. Acrescentou que é necessário recorrer a especialistas em arqueologia e antropologia na realização destes tipos de documentários e filmes históricos, que ficarão como testemunho das civilizações e da história das nações, lembrando que existem muitas antiguidades da Rainha Cleópatra, incluindo estátuas e representações em moedas que confirmam a forma e as verdadeiras características dela. Todas as quais mostram as características helenísticas (gregas) da rainha Cleópatra em termos de pele clara, nariz alongado e lábios finos.¹⁰

Muitas questões trazidas por esta autoridade egípcia a respeito da possibilidade ou não de uma Cleópatra negra são repetidas ou refutadas por estudiosos e elencadas na tabela disponibilizada neste artigo (figura 4). É interessante notar que os argumentos que defendem tanto uma Cleópatra negra quanto branca se baseiam em teorias raciais, algumas inauguradas no século XIX, ou seja, aproximadamente, dois mil anos depois do nascimento e vida da Rainha. Um dado interessante trazido pelo Secretário é o fato de que as características do corpo de Cleópatra são buscadas em objetos de arte com traços, mas sem cor. O que muito teóricos repetiram, ao argumentar sobre isto, é que o padrão artístico das representações ptolomaicas de faraós e rainhas impedem que se tenha aspectos fisionômicos precisos na maioria das obras de arte. Diante disto, bustos creditados a Cleópatra poderiam não ser a representação dela de fato. Ao mesmo tempo, estas obras têm sido usadas para confrontar o corpo de Adele como forma de provar a materialidade da branquitude de Cleópatra (figura 5). Uma espécie de ‘craniometria¹¹ virtual moderna’ que se presta a garantir a pele branca, ou não negra, da Rainha como se isso definisse sua etnia.

¹⁰ Tradução nossa para: “المملكة” لفيلم عرضاً مقدمتها وفي القادمة الفترة خلال إطلاقها عن “نتليكس” منصة أعلنت التي الوثائقية الأفلام سلسلة إلى بالإشارة: “العام الأمين وزيرى مصطفى د. أكد، اللون سمراء وبشرة أفريقية بملامح “السابعة كليوباترا” الملكة بدور تقوم التي بطلته فيه تظهر حيث، القادم مايو شهر من يوم “كليوباترا الذي الأمر، درامي عمل وليس وثائقي كفيلم مصنف الفيلم أن لاسيما صارخة تاريخية ومغالطة المصري للتاريخ تزييفا يعد الهيئة بهذه البطلة ظهور أن للاثار الأعلى للمجلس يجب كل أنه وأضاف الشعوب وحضارات وتاريخ تزييف عدم يضمن بما والعلمية التاريخية الحقائق إلى والاستناد الدقة تحري ضرورة صناعته على القائمين على يتعين لاقا، الأمم وتاريخ حضارات على شاهدة تظل سوف والتي والتاريخية الوثائقية الأفلام من النوعية هذه مثل صناعة عند والانثر وبولوجيا الأثار علم متخصصي إلى الرجوع الملامح تظهر جميعها والتي، لها الحقيقية والملاح الشكل تؤكد التي المعدنية العملات على وتصوير تماثيل من كليوباترا بالملكة الخاصة الأثار من العديد هناك أن إلى الهلينستية “الرقية والشفا المسحوب والأنف اللون فاتحة البشرة حيث من كليوباترا للملكة (اليونانية) الهلينستية” Disponível em: <https://www.facebook.com/tourismandantiq/posts/605258044969079/>

¹¹ “Com base na antropometria, surgiu a craniometria ou craniologia, estudo específico das dimensões do crânio e do cérebro. Assim como a antropometria era usada para distinguir as “raças” com base na variação física, a craniologia fazia o mesmo com base no formato do crânio. Pelo fato das pessoas terem diferentes tamanhos de cabeça, isso foi considerado um pressuposto biológico natural, ou seja, raças diferentes, teriam dimensões cranianas diferentes, mas similares entre os indivíduos da sua raça” (...) “No entanto, além do formato da cabeça, analisava-se também a capacidade craniana, alegando-se que o “cérebro” dos pardos, negros e amarelos era menor do que dos brancos, e mesmo entre indivíduos brancos, haveria variações, sendo estes resultados da miscigenação com raças inferiores.” VILAR, Leandro. **O racismo científico: da teoria à prática**. 2015, p.12. Disponível em: <https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2015/07/o-racismo-cientifico-da-teoria-pratica.html>



Figura 5 – Composição nossa: 01 – Moeda antiga de Cleópatra 31 A.C. a 9 A.C; 02 - Bust of Cleópatra VII - Altes Museum - Berlin - Germany 2017; 03 - representação de Cleópatra; 04 – Busto de Cleópatra Museo Real de Ontario, Toronto, Canadá; 05 – Reconstituição feita pela egiptóloga Sally-Ann Ashton, da Universidade de Cambridge na Inglaterra, com base nas moedas cunhadas com a efígie de Cleópatra e no seu busto, que atualmente encontra-se exposto no Museu de Berlim; 06 - Gravura representando a governante ptolomaica Cleópatra VII do Egito (69 - 30 aC) da artista francesa Élisabeth Sophie Chéron (1648 - 1711) intitulada "Portrait de Cléopatre derniere Reine d'Egypte tiré d'un Medaillon", da placa 40 de "Pierres Antiques Gravées Tirées des Principaux Cabinets de la France" (publicado c. 1736.

Se “os olhos da história não veem tudo” como afirmou Didi-Huberman (2019: 16), ao considerar que “o arquivo visual dos tempos passados – e mesmo presentes – revela-se extraordinariamente frágil ou fugaz”. No contexto em que se fabricam muitas imagens, ao mesmo tempo em que se destroem outras, a imagem de um corpo negro dando vida a uma importante Rainha Egípcia teria sobrevivido as teorias raciais eugenistas do século XIX? O argumento de que havia negros no Egito, mas que ocupavam funções de vassallos e escravos também foi utilizado para defender a cor branca de Cleópatra e esse é um ponto importante porque trata da essência do que queremos tratar aqui: a experiência de ver uma mulher, com seu corpo negro, dando vida a uma rainha que existiu.

No documentário da Netflix *Adele performa*, narrada por historiadores, uma Cleópatra forte, inteligente, estrategista, implacável nos moldes dos soberanos da Antiguidade descritos nos livros de história. Os traços de Adele não são completamente diferentes daqueles representados em muitas obras de arte atribuídas a imagem que se fazia de Cleópatra. Percebe-se que o ‘choque’ é produzido mesmo pela cor da sua pele.

Uma ‘extravagância’ na representação imagética de uma personagem histórica, até então, encenada por mulheres brancas. Acreditamos que essa “descontinuidade” da imagem de Cleópatra, poderia contribuir com a ruptura de modelos socialmente estabelecidos, neste caso específico, relacionados a figuras de poder, a ponto de tornar-se um imaginário habitual ver pessoas negras em performance de autoridade e soberania. A experiência com esta nova estética, proposta pelo documentário, parece ter afetado de maneiras diferentes as pessoas.

Rancière (2019:103p) percebe a estética como uma “experiência sensível” como algo que é “relativo à capacidade de construir e pôr à prova esta ou aquela forma.” Refletindo, a partir do autor, entendemos que corpos ausentes ou com performances reinventadas podem ter um efeito político quanto produzem uma estética conflitual. E a comoção que o protagonismo da Cleópatra Negra causou, principalmente, mas não só, entre as autoridades egípcias, revela o poder disto que chamamos aqui de experimentação simulada da utopia por meio do corpo em imagem. E por utopia, entendemos não só a igualdade racial, mas a honestidade com as lacunas da história, que não podem ser preenchidas com discursos colonialistas, sob o argumento de defesa de características físicas como se estas fossem traços étnicos.

Cleópatra pode ter sido branca, mas pode não ter sido, alguns historiadores falam de uma Rainha ‘branca de pele escura’, mas supondo-se que ela fosse branca, seria um problema para as pessoas brancas se verem representadas por uma pessoa negra em uma obra que tenta dar vida a uma história? Não foi precisamente a isto que foram submetidas, durante séculos, as pessoas negras em uma espécie de ventriloquismo cultural? O argumento de alguns historiadores é de que os soberanos negros eram representados por esfinges de cor escura, por isso, Cleópatra, se fosse negra, seria representada desta forma. A dúvida é se ela fosse negra ainda seria uma figura nacional? Teria sua história contada em peças de teatro, filmes, desenhos? Sua iconografia teria resistido ao racismo estrutural que afeta, em diferentes níveis, o mundo, invisibilizando e apagando da história milhares de personalidades relevantes?

Didi-Huberman (2019:18 e 19) afirma que :

“O enquadramento, a desfocagem, o contraste, a sequência, a orientação e, em geral, todas as características intrínsecas de uma imagem ensinam-nos assim que fazer uma imagem é, fundamentalmente, fazer um gesto que transforma o tempo. Talvez não seja «agir» directamente, no sentido da acção ou do activismo políticos. Mas, ainda assim, é agir na história e sobre a história, da mais modesta ou mais brilhante das maneiras.”

A série da Netflix está perfeitamente alinhada a narrativa que os historiadores, que tivemos acesso, têm sobre Cleópatra. A imagem da Soberana sob a pele negra é o que parece tirar a legitimidade da obra para alguns deles e, para muitas pessoas que, inclusive, empreenderam ataques racistas a atriz Adele em suas redes sociais. Sabe-se que sempre existiram reis e rainhas de pele negra, mas a personificação disso em uma narrativa sobre uma figura nacional egípcia parece ter feito mais do que promover uma experiência estética perfeitamente plausível. Significa dizer que, a estética da qual tratamos aqui, se refere aquela proposta por Rancière (2019:103p) quando diz que:

“Com efeito, estética não significa em primeiro lugar o que é relativo à arte ou à beleza. Antes significa o que diz respeito à experiência sensível; o que é relativo à capacidade de construir e pôr à prova esta ou aquela forma desta experiência ligando percepções e dando-lhes um sentido. A política, nesse sentido, foi sempre uma questão estética.”

A Cleópatra negra ousa reinventar a história. Ao mesmo tempo, a rejeição, em 2021, à atriz Gal Gadot para o mesmo papel, aparentemente, por ser branca e Israelense ou de um país que tinha relações complicadas com o Egito, parece acenar para o fato de que as imagens que nos falam por meio do cinema documental, fazem mais do que permanecer testemunhas da história, elas investem contra o espaço simbólico que se constrói em torno de narrativas estratificadas e tornadas fato pelos narradores considerados legítimos. No caso de Cleópatra, narrativas estas, envoltas em questões de racismo estrutural.

7. Conclusão

Concluí-se que, para além da discussão estabelecida pelos historiadores, um corpo negro a narrar Cléopatra em uma série documental e, portanto, muito mais comprometida em reproduzir fragmentos históricos do real do que performar uma ficção, possibilitou a percepção da existência de uma contranarrativa histórica em que corpos comumente narrados como subalternos podiam ser vistos em performance de poder. A produção de uma Cleópatra negra, compreendida por muitos como uma licença poética para recriar a História, aparenta mais ser um experimento que estilhaça o real, ao interpretá-lo como ficção, em um contexto de verdade. Considerando que, o real é produto de processos ideológicos que fabricam imagens tornando-as fatos naturais, uma produção ficcional da realidade - chamada aqui de simulação - pode revelar as estruturas que permanecem atreladas aquelas ideologias que pretendemos desafiar. Esse é um dos instantes em que a arte produz uma interpretação subjetiva da realidade por meio do mundo sensível.

Para Rancière (2019:284p), “O desafio que é comum às performances artísticas e às políticas não é o de revelar as relações sociais, mas o de deslocá-las enquanto são condensadas.” A experiência estética que tensionou o corpo de Cléopatra no imaginário popular, produziu uma fricção capaz de inundar a web com textos, vídeos, fotos, desenhos, que se propunham a desvelar a verdade. A verdade encontrada, porém, por meio deste “choque visual”, parece ter sido o fato de que, deslocar as pessoas por meio de mundos simulados para o lugar da utopia onde muitas afirmam querer estar, parece revelar as estruturas que nos mantem, ainda, muito longe desta Sociedade Ideal.

8. Referências

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica** / Walter Benjamin; organização e apresentação Márcio Seligmann-Silva; tradução Gabriel Valladão Silva. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

BURSTEIN, Stanley M. **The reign of Cleopatra**. GREENWOOD PRESS, London, 2004.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Livres olhos da história**. (y-mago ensaios breves) (p. 1). Edição do Kindle. Lisboa, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **Questões de limites Arte, política e ética hoje**. Tradução Jorge Leandro Rosa Edição João Francisco Figueira e Vítor Silva (y-mago ebooks). Edição do Kindle. Lisboa, 2019.

SAGREDO, Raissa. **Raça e etnicidade: questões e debates em torno da (des)afrikanização do egito antigo**. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/180903>

9. Siteografia

And Europe Will Be Stunned / Mary Koszmary (Nightmares), 2007. Disponível em: <https://www.yaelbartana.com/work/and-europe-will-be-stunned#> Acessado em 09 de agosto de 2023.

Hawass: Cleópatra no era negra. Nos quieren convencer de una falsedad. Disponível em: <https://elblodgeilabasmati.com/2023/04/18/hawass-cleopatra-no-era-negra-nos-quieren-convencer-de-una-falsedad/> Acessado em 09 de agosto de 2023.

The Controversy Behind Netflix’s ‘Queen Cleopatra’ Documentary. Disponível em: <https://www.themaryword.com/post/the-controversy-behind-netflix-s-queen-cleopatra-documentary> Acessado em 09 de agosto de 2023.

Em debate, o mito da Cleópatra ‘branca e de olhos azuis’ Disponível em: <https://site.veracruz.edu.br/zumzum/capitulos/em-debate-o-mito-da-cleopatra-branca-e-de-olhos-azuis/#:~:text=De%20pele%20branca%2C%20olhos%20claros,e%20parcialmente%20africana%20da%20rainha> Acessado em 09 de agosto de 2023.

A polêmica origem de Cleópatra: a quem interessa? Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/a-polemica-origem-de-cleopatra-a-quem-interessa/> Acessado em 09 de agosto de 2023.

Cleópatra: a rainha do Egito era branca ou negra? Disponível em: <https://rubinero.blogs.sapo.pt/cleopatra-a-rainha-do-egito-era-branca-105643> Acessado em 09 de agosto de 2023.

Cleópatra era negra? Disponível em: <https://apaixonadosporhistoria.com.br/artigo/299/cleopatra-era-negra> Acessado em 09 de agosto de 2023.

Você pode ser o que quiser, contanto que seja branco. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2023/04/28/voce-pode-ser-o-que-quiser-contanto-que-seja-branco-por-yna-e-lopes-dos-santos/> Acessado em 09 de agosto 2023.

Nova série sobre Cleópatra gera polêmica com a cor da protagonista. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/nova-serie-sobre-cleopatra-gera-polemica-com-a-cor-da-protagonista> Acessado em 09 de agosto de 2023.

Cleópatra era negra? Desvendando a verdade histórica. Disponível em: <https://socientifica.com.br/cleopatra-era-negra-desvendando-a-verdade-historica/> Acessado em 09 de agosto de 2023.

Cleópatra Branca de olhos azuis? Cleópatra preta de box braids? Disponível em: <https://todosnegrosdomundo.com.br/cleopatra-branca-de-olhos-azuis-cleopatra-preta-de-box-braids/> Acessado em 09 de agosto de 2023.

Egito processa Netflix por representar Cleópatra como mulher negra. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2023/04/23/6531_egito-processa-netflix-por-representar-cleopatra-como-mulher-negra.html Acessado em 09 de agosto de 2023.

Egito processa Netflix por representação de Cleópatra negra em série. Disponível em: <https://rabiscodahistoria.com/egito-processa-netflix-por-representacao-de-cleopatra-negra-em-serie/> Acessado em 09 de agosto de 2023.

La nariz negra de Cleópatra. Disponível em: <https://kaplancontralacensura.com/2023/05/03/la-nariz-negra-de-cleopatra/> Acessado em 09 de agosto de 2023.